



**IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ**

*Rua Silva Jardim, 503 Macuco – Santos – SP*  
*Cep 11015-021 – Telefone 0\*\*13 3232-4337*  
*www.iepaz.org.br – WhatsApp 13-98126-0055*  
e-mail: iepaz@terra.com.br

**Subsede de São Vicente: Rua Frei Gaspar, 3331 – Cidade Náutica**

**CURSO PANORAMA BÍBLICO I**  
**HISTÓRIA E TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO**  
**1º Semestre de 2018**

**INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO**  
**Prof. Pr. Nathanael Rinaldi Filho**

TEXTO BASE:

**Panorama do Novo Testamento,**

Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS ADICIONAIS:

**A Bíblia Anotada (ARA)**

Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.

**Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,**

R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

**Introdução ao Novo Testamento,**

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, Edições Vida Nova, 1ª edição, 1997.

*“...crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo...” (II Pe. 3.18).*

# INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	4
<i>Por que estudar a História e a Teologia do Novo Testamento?</i> .....	4
<i>Definição</i> .....	4
<i>O Tema Central do Novo Testamento</i> .....	5
<i>O Conteúdo do Novo Testamento</i> .....	5
<i>Os Autores e o Idioma do Novo Testamento</i> .....	5
<i>A Ordem dos Livros do Novo Testamento</i> .....	5
<i>A Organização dos Evangelhos no Novo Testamento</i> .....	6
<i>A Organização das Epístolas e do Apocalipse no Novo Testamento</i> .....	6
<i>O Cumprimento das Profecias da Vinda de Jesus</i> .....	6
I – HISTÓRIA POLÍTICA INTERTESTAMENTÁRIA E DO NOVO TESTAMENTO .....	7
1- O PERÍODO GREGO .....	7
<i>Alexandre, o Grande</i> .....	7
<i>O Helenismo</i> .....	8
<i>Ptolomeus e Selêucidas</i> .....	8
<i>A Disputa pela Palestina</i> .....	8
<i>A Paganização da Palestina e a Profanação do Templo</i> .....	9
2- O PERÍODO DOS MACABEUS.....	10
<i>A Restauração da Palestina e do Templo</i> .....	10
<i>O Fim do Período Macabeu</i> .....	10
3- O PERÍODO ROMANO.....	11
<i>A Dinastia Herodiana na Palestina</i> .....	11
<i>A Remoção dos Herodianos</i> .....	12
<i>A Destruição de Jerusalém e do Templo em 70 d.C.</i> .....	12
III – O AMBIENTE RELIGIOSO DO NOVO TESTAMENTO .....	13
1- O PAGANISMO .....	13
<i>A Mitologia Grega</i> .....	13
<i>A Mitologia Romana</i> .....	13
<i>O Culto ao Imperador</i> .....	14
<i>Os Cultos Pagãos – As Religiões Misteriosas</i> .....	14
<i>O Novo Testamento Não Copiou Lendas Pagãs</i> .....	14
<i>Superstições e Sincretismo</i> .....	15

2- O GNOSTICISMO.....	16
<i>As Correntes Filosóficas</i> .....	16
3- O JUDAÍSMO.....	16
<i>A Sinagoga</i> .....	16
<i>Literatura Judaica – O Antigo Testamento</i> .....	16
<i>Valor Histórico dos Livros Apócrifos</i> .....	17
<i>O Talmude</i> .....	18
<i>Seitas e Outros Grupos do Judaísmo</i> .....	18
<i>Os Fariseus</i> .....	18
<i>Os Saduceus</i> .....	19
<i>Os Essênios</i> .....	19
<i>Os Herodianos</i> .....	19
<i>Os Zelotes</i> .....	20
<i>Os Escribas</i> .....	20
<i>O Sinédrio</i> .....	20
<i>A Diáspora</i> .....	21
III – O CÂNON E O TEXTO DO NOVO TESTAMENTO .....	21
1- O TEXTO DO NOVO TESTAMENTO .....	21
2- O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO .....	22
<i>Os Apócrifos do Novo Testamento</i> .....	22
CONCLUSÃO .....	23

# INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

## INTRODUÇÃO

### ***Por que estudar a História e a Teologia do Novo Testamento?***

Por qual razão estudaríamos documentos tão antigos como esses contidos no Novo Testamento? A razão histórica é que, no Novo Testamento, descobrimos a explicação do fenômeno que é o Cristianismo. A razão cultural é que a influência do Novo Testamento tem permeado a civilização ocidental de tal maneira, que ninguém pode ser tido por bem educado a menos que conheça o conteúdo do Novo Testamento. A razão teológica é que o Novo Testamento é aquela narrativa divinamente inspirada sobre a missão redimidora de Jesus neste mundo, sendo ainda o padrão de crenças e de práticas da Igreja. E, finalmente, a razão devocional é que o Espírito Santo utiliza o Novo Testamento a fim de conduzir as pessoas a um vivo e crescente relacionamento com Deus, através de Seu Filho, Jesus Cristo. Todas essas são razões suficientes!

### ***Definição***

**Antigo Testamento e Novo Testamento** são designações cristãs, não judaicas, pois os judeus só aceitam como Escritura Sagrada os livros do Antigo Testamento.

O assunto da nossa matéria é o panorama histórico dos antecedentes e do início do Novo Testamento: o ambiente político, o ambiente secular e o ambiente religioso.

O nascimento do Senhor Jesus Cristo é um marco na história. Os anos que antecedem seu nascimento são considerados a.C. (antes de Cristo) de forma decrescente, e os anos que sucedem seu nascimento são considerados d.C. (depois de Cristo) de forma crescente.

O nome dado à segunda parte de nossa Bíblia, *Novo Testamento*, significa literalmente *nova aliança* (Lc. 22.20). A palavra *aliança* significava um acordo feito por um indivíduo ou grupo com outro indivíduo ou grupo, sendo que esta segunda parte podia aceitar ou recusar o acordo, mas não modificá-lo. O Antigo Testamento registra, primariamente, o trato de Deus com Israel, baseado na aliança outorgada através de Moisés no Monte Sinai, ao passo que o Novo Testamento descreve um novo acordo entre Deus e os homens, mediado através de Cristo com base na Nova Aliança (Êx. 24.1-8; Lc. 22.14-20; II Co. 3.6-11).

A Antiga Aliança revelava a santidade de Deus no justo padrão da Lei, de acordo com a qual Deus perdoava transgressões à vista de sacrifícios de animais, à guisa de antecipação provisória daquele verdadeiramente adequado sacrifício de Cristo. O vocábulo *testamento* transmite-nos a ideia de uma última vontade, e um testamento só passa a ter efeito quando da morte do testador. Assim é que o novo pacto entrou em vigor em face da morte de Jesus (Hb. 9.15-17). A Nova Aliança revela a santidade de Deus em Seu justo Filho. O Novo Testamento, portanto, consiste dos escritos que revelam o conteúdo desta Nova Aliança.

### ***O Tema Central do Novo Testamento***

A mensagem do Novo Testamento está centralizada (1) na Pessoa que Se entregou para a remissão dos pecados (Mt. 26.28) e (2) no povo (a Igreja) que recebeu Sua salvação. Assim, **o tema central do Novo Testamento é a salvação**. Os Evangelhos apresentam o Salvador. O livro chamado Atos dos Apóstolos descreve a disseminação das boas novas sobre a Sua salvação, por grande parte do mundo mediterrâneo do primeiro século da era cristã. As epístolas fornecem detalhes das bênçãos resultantes dessa salvação, e o Apocalipse antevê a culminação da salvação.

### ***O Conteúdo do Novo Testamento***

O Novo Testamento é uma antologia de vinte e sete livros de várias dimensões, mas tem somente um terço do Antigo Testamento. Isso é compreensível, porque o Antigo Testamento cobre um período de milhares de anos de história e o Novo Testamento cobre menos de um século. A fração do século I d.C., coberta pelo Novo Testamento, foi o período crucial durante o qual, conforme as crenças cristãs, começaram a ter cumprimento as profecias messiânicas, foi realizado o divino plano da redenção dos homens, por intermédio do encarnado Filho de Deus, Jesus Cristo, e o novel povo de Deus, a Igreja, se formou — e tudo isso estribado sobre o novo pacto, segundo o qual Deus se ofereceu para perdoar os pecados daqueles que creem em Jesus Cristo, em virtude de Sua morte vicária.

### ***Os Autores e o Idioma do Novo Testamento***

A coleção dos livros do Novo Testamento foi escrita originalmente em grego, entre os anos 45 a 95 d.C. (um período de aproximadamente 50 anos), e é tradicionalmente atribuída aos apóstolos Pedro, João, Mateus e Paulo, bem como a outros antigos autores cristãos, João Marcos, Lucas, Tiago e Judas. Estes livros se dividem em quatro divisões: os evangelhos, os atos dos apóstolos, as epístolas paulinas e gerais e o Apocalipse.

### ***A Ordem dos Livros do Novo Testamento***

Em primeiro lugar vêm os Evangelhos. Apesar de terem sido escritos depois de vários outros livros do Novo Testamento, era natural que a posição de prioridade fosse dada aos evangelhos, porque são os relatos da vida e do ministério terrenos de Jesus. Depois vem Atos, que fornece a história do avanço do Cristianismo (o início da Igreja e sua disseminação pelo mundo greco-romano). Depois vêm as cartas, que mostram o desenvolvimento das doutrinas da Igreja, bem como os seus problemas, e por fim o Apocalipse, que nos apresenta a visão da segunda vinda de Jesus.

Portanto, em nossas Bíblias modernas, os livros do Novo Testamento não estão arranjados na ordem cronológica em que foram escritos. Por exemplo, as primeiras epístolas de Paulo foram os primeiros livros do Novo Testamento escritos (com a única exceção possível da epístola de Tiago), e não os evangelhos. O arranjo das epístolas paulinas também não segue a sua ordem cronológica, porquanto Gálatas (ou talvez I Tessalonicenses) foi a primeira epístola escrita, bem antes daquela dirigida aos Romanos, que figura em primeiro lugar em nossas Bíblias, pelo fato de ser a mais longa das epístolas de Paulo; e entre os evangelhos, o de

Marcos, não o de Mateus, parece ter sido aquele que primeiro foi escrito. A ordem em que esses livros aparecem, por consequência, é uma ordem derivada somente das tradições cristãs.

### ***A Organização dos Evangelhos no Novo Testamento***

Os evangelhos estão postos em primeiro lugar, porque descrevem os eventos cruciais da carreira de Jesus. Entre os evangelhos, o de Mateus vem apropriadamente antes de todos, devido à sua extensão e ao seu íntimo relacionamento com o Antigo Testamento, que o precede imediatamente. Mateus muitas vezes cita o Antigo Testamento e principia com uma genealogia que retrocede ao mesmo. Ato contínuo, encontra-se a triunfal colheita da vida e do ministério de Jesus no livro de Atos dos Apóstolos, uma envolvente narrativa do bem sucedido surgimento e expansão da Igreja na Palestina e daí por toda a Síria, Ásia Menor, Macedônia, Grécia e até lugares distantes como Roma, na Itália. No ato de sua composição, o livro de Atos foi a segunda divisão de uma obra em dois volumes, Lucas-Atos.

### ***A Organização das Epístolas e do Apocalipse no Novo Testamento***

Descobertas arqueológicas têm demonstrado que as cartas eram um meio comum de comunicação nos primeiros séculos da era cristã e, portanto, não é de surpreender que a maior parte dos livros do Novo Testamento sejam apresentados em forma de cartas.

As epístolas e o livro de Apocalipse, explanam a significação teológica da história da redenção, além de extraírem daí certas implicações éticas. Entre as epístolas, as de Paulo ocupam o primeiro lugar — e entre elas, a ordem em que foram arranjadas segue a ideia da extensão decrescente, levando-se em conta a exceção formada pelas Epístolas Pastorais (I e II Timóteo e Tito), as quais antecedem a Filemom, a mais breve das epístolas paulinas. A mais longa das epístolas não-paulinas, aos Hebreus (cujo autor nos é desconhecido), aparece em seguida, depois da qual vêm as epístolas gerais, escritas por Tiago, Pedro, João e Judas E por fim, temos o livro que lança os olhos para o futuro retorno de Cristo, o Apocalipse, livro esse que leva o Novo Testamento a um apropriado clímax: o triunfo final de Jesus Cristo e Seu povo no futuro.

### ***O Cumprimento das Profecias da Vinda de Jesus***

A vinda de Jesus não se iniciou com os céus se abrindo e seu trono descendo com Ele, mas sim com seu nascimento virginal, anunciado por Deus em Gênesis 3.15: *“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”*. Sua vinda iniciou o período dos últimos dias. Após sua subida ao céu, depois da ressurreição, teve início “os tempos do fim”, que se prolongam até os nossos dias.

Em Malaquias, o último livro do AT, o autor registra a profecia sobre a vinda do Messias e também de seu arauto, João o Batista: *“Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos”* (Ml. 3.1). Essa profecia teve seu cumprimento em Mateus 3.1-2: *“E, naqueles dias, apareceu João, o Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizendo: arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus”*. Logo, aquele que antecederia a manifestação do Filho de Deus seria João, o Batista.

## **I – HISTÓRIA POLÍTICA INTERTESTAMENTÁRIA E DO NOVO TESTAMENTO**

Paulo comunica algo muito importante sobre a cronologia dos fatos predeterminados por Deus. Em Gálatas 4.4 ele fala sobre “a plenitude dos tempos”, que é completada e resulta no período que vai desde o último profeta do AT até o surgimento de João o Batista, chamado Período Intertestamentário ou Quatrocentos Anos de Silêncio Profético. Apesar do silêncio divino, este período é muito importante, historicamente, para entendermos o contexto em que se inicia o NT, com o fato mais importante da história que é o nascimento do Senhor Jesus Cristo na plenitude dos tempos.

Começaremos no ano 538 a.C., quando o rei persa Ciro permite que os judeus, levados cativos por Nabucodonosor para Babilônia, possam regressar para Jerusalém. Em 537 a.C., o primeiro grupo se organiza e retorna sob o comando do sacerdote Zorobabel, com propósito de reconstruir o Templo. Em 450 a.C., Neemias, um judeu que servia como copeiro do rei persa Artaxerxes, na cidadela de Susã, pede autorização para o rei e retorna a Jerusalém com o propósito de restaurar os muros da cidade.

### **1- O PERÍODO GREGO**

A história do Antigo Testamento se encerrou com o cativo que a Assíria impôs ao reino do norte, Israel, com o subsequente cativo babilônico do reino do sul, Judá, e com o regresso à Palestina de parte dos exilados, quando da hegemonia persa nos séculos VI e V a.C. Os quatro séculos entre o final da história do Antigo Testamento e os primórdios da história do Novo Testamento compreendem o período intertestamentário, ocasionalmente chamados "os quatrocentos anos de silêncio", devido ao hiato nos registros bíblicos e silenciamento da voz profética.

#### ***Alexandre, o Grande***

Durante esse hiato é que Alexandre, o Grande, se tornou senhor do antigo Oriente Médio, ao infligir sucessivas derrotas aos persas, quando das batalhas de Granico (334 a.C.), Isso (333 a.C.) e Arbela (331 a.C.).

Alexandre foi um grande conquistador. Aos 24 anos ele dominou o império medo-persa e assim se tornou o novo soberano de inúmeros povos, incluindo dos judeus. Alexandre fez parte de uma escola filosófica muito importante. O filósofo Sócrates, por exemplo, teve como discípulo Platão, este teve como discípulo Aristóteles, e o tal teve entre seus discípulos Alexandre. É importante entendermos a história de Alexandre, para compreendermos sua estratégia para dominar as nações. Sob a influência de Aristóteles, Alexandre avançou sobre as nações vizinhas, com o propósito de anexar essas regiões ao seu território, e foi expandindo suas conquistas. Sua comitiva era formada por cientistas que trabalhavam para difundir a cultura e a língua grega. Alexandre desejava tornar todas as pessoas em pensadores gregos e adeptos da cultura grega, esse fenômeno é chamado helenização.

Diz a lenda, que quando Alexandre se aproximava de Jerusalém, o sumo sacerdote Jadaia foi ao seu encontro e lhe mostrou as profecias de Daniel, segundo as quais o exército grego seria vitorioso (Dn. 8). Essa narrativa não é levada a sério pelos historiadores, mas é fato que

Alexandre tratou singularmente bem os judeus. Ele lhes permitiu observarem suas leis, isentou-os de impostos nos anos sabáticos, e quando construiu Alexandria, no Egito (331 a.C.) incentivou os judeus a se estabelecerem ali (muitos judeus aceitaram esse convite) e deu-lhes privilégios comparáveis aos de seus súditos gregos.

### ***O Helenismo***

A cultura grega, intitulada helenismo, há tempos se vinha propagando mediante o comércio e a colonização gregos, mas as conquistas de Alexandre proveram um impulso muito maior do que havia antes. O idioma grego tornou-se a *língua franca*, a língua comumente usada no comércio e na diplomacia. O NT foi escrito totalmente na língua grega, que era a linguagem oficial falada por todos. Deus também utilizou a *helenização* para comunicar as Boas Novas de Salvação para o resto do mundo.

Ao aproximar-se a época do Novo Testamento, o grego era a língua comumente falada nas ruas até da própria Roma, onde o proletariado falava o latim, mas a grande massa de escravos e de libertos falava o grego. Alexandre fundou setenta cidades, moldando-as conforme o estilo grego. Ele e os seus soldados contraíram matrimônios com mulheres orientais, e assim foram misturadas as culturas grega e oriental.

### ***Ptolomeus e Selêucidas***

Assim como foi rápida a ascensão de Alexandre, também foi rápida a sua queda. Com o falecimento de Alexandre aos 33 anos (em 323 a.C.), seus principais generais dividiram o império em quatro porções, duas das quais são importantes no pano de fundo do desenvolvimento histórico do Novo Testamento, a porção dos ptolomeus e a dos selêucidas.

O império dos ptolomeus centralizava-se no Egito, tendo Alexandria por capital. Cleópatra, que morreu no ano 30 a.C., foi o último membro da dinastia dos ptolomeus.

O império selêucida tinha por centro a Síria, e Antioquia era a sua capital. Alguns da casa reinante receberam o apelido de selêuco, mas diversos outros foram chamados antíoco. Quando Pompeu tornou a Síria uma província romana, em 64 a.C., chegou ao fim o império selêucida.

### ***A Disputa pela Palestina***

• **Os ptolomeus** - Premida entre o Egito e a Síria, a Palestina tornou-se vítima das rivalidades entre os ptolomeus e os selêucidas. A princípio os ptolomeus dominaram a Palestina por cento e vinte e dois anos (320-198 a.C.). Os judeus gozaram de boas condições gerais durante esse período. De acordo com uma antiga tradição, foi sob Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.) que setenta e dois eruditos judeus de Alexandria começaram a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, versão essa que se chamou Septuaginta. No começo foi feita a tradução do Pentateuco, e mais tarde foi feita a tradução das porções restantes do Antigo Testamento. A obra foi realizada no Egito, aparentemente em benefício de judeus que compreendiam o grego melhor que o hebraico. O numeral romano LXX (pois setenta é o número redondo mais próximo de setenta e dois) tornou-se o símbolo comum dessa versão do Antigo Testamento.



• **Os selêucidas** - As tentativas dos selêucidas para conquistar a Palestina, quer por invasão, quer por alianças matrimoniais, deram em fracasso, até que Antíoco III da Síria conquistou o Egito e a Palestina em 198 a.C. Entre os judeus surgiram duas facções, a “casa de Onias” (pró-Egito) e a “casa de Tobias” (pró-Síria). Antíoco IV ou Epifânio (175-163 a.C.), rei da Síria, substituiu o sumo sacerdote judeu Onias III pelo irmão deste, Jasom, helenizante, o qual planejava transformar Jerusalém numa cidade grega. Foi erigido um ginásio com uma pista de corridas adjacente. Ali rapazes judeus se exercitavam despidos, à moda grega, para ultraje dos judeus piedosos. As competições de corredores eram inauguradas com invocações feitas às divindades pagãs, e até sacerdotes judeus chegaram a participar de tais acontecimentos. O processo de helenização incluía ainda a frequência aos teatros gregos, a adoção de vestes do estilo grego, a cirurgia que visava à remoção das marcas da circuncisão, e a mudança de nomes hebreus por gregos. E os judeus que se opunham à paganização de sua cultura eram chamados *hasidim*, “piedosos”, o que a grosso modo equivale a *puritanos*.

Antes de invadir o Egito, Antíoco Epifânio fez a substituição de Jasom, seu próprio escolhido para o sumo sacerdócio, por Menelau, um outro judeu helenizante, o qual lhe oferecera um tributo mais elevado. É possível que Menelau nem pertencesse a alguma família sacerdotal. Evidentemente, os judeus piedosos se ressentiram da *simonia*, em que o sagrado ofício sumo sacerdotal foi dado a quem pagava mais.

Apesar de alguns êxitos iniciais, a tentativa de Antíoco de anexar o Egito terminou falhando. A ambiciosa Roma não desejava que o império selêucida se tornasse mais forte. Fora de Alexandria, por conseguinte, um embaixador romano traçou um círculo no chão, em redor de Antíoco, e exigiu que antes de pisar fora do círculo ele promettesse abandonar o Egito com as suas tropas. Tendo aprendido a respeitar o poderio romano, quando fora refém por doze anos em Roma, tempos antes, Antíoco concordou.

### ***Paganização da Palestina e a Profanação do Templo***

Aos ouvidos de Jasom, o sumo sacerdote, chegaram rumores de que Antíoco fora morto no Egito. Retornando de imediato a Jerusalém, onde chegou vindo de seu refúgio na Transjordânia, Jasom retirou de Menelau o controle da cidade para si mesmo.

O amargurado Antíoco, abalado pela derrota psicológica que sofrera nas mãos dos romanos, interpretou a atitude de Jasom como uma revolta, e enviou seus soldados para punirem os rebeldes e reintegrarem Menelau no ofício sumo sacerdotal. Nesse processo, saquearam o templo de Jerusalém e passaram ao fio da espada muitos de seus habitantes, e Antíoco regressou à Síria.

Dois anos mais tarde (168 a.C.), Antíoco enviou seu general, Apolônio, com um exército de vinte e dois mil homens para coletar tributo, tornar ilegal o Judaísmo e estabelecer o paganismo à força, como um meio de consolidar o seu império e refazer o seu tesouro. Os soldados saquearam Jerusalém derrubaram suas casas e muralhas e incendiaram a cidade. Varões judeus foram mortos em bom número, mulheres e crianças foram escravizadas. Tornou-se ofensa capital circuncidar, observar o sábado, celebrar as festividades judaicas ou possuir cópias do Antigo Testamento. Muitos manuscritos do Antigo Testamento foram destruídos. Os

sacrifícios pagãos tornaram-se compulsórios, tal como os cortejos em honra a Dionísio (ou Baco), o deus grego do vinho. Um altar consagrado a Zeus, e também uma estátua sua, foram erigidos no templo. Animais execrados pelos preceitos mosaicos foram sacrificados sobre o altar, e a prostituição "sagrada" passou a ser praticada no recinto do templo de Jerusalém.

## **2- O PERÍODO DOS MACABEUS**

A resistência judaica fez-se sentir prontamente. Na aldeia de Modim, um agente real de Antíoco instou com um idoso sacerdote, de nome Matatias, que desse exemplo aos habitantes da aldeia oferecendo um sacrifício pagão. Matatias se recusou, e quando um outro judeu deu um passo à frente em anuência, Matatias tirou-lhe a vida, matou o agente real, demoliu o altar e fugiu para a região montanhosa na companhia de cinco de seus filhos e de outros simpatizantes. Foi assim que teve início a Revolta dos Macabeus, em 167 a.C., sob a liderança da família de Matatias, coletivamente chamados de hasmoneanos, por causa de Hasmom, bisavô de Matatias, ou de Macabeus, devido ao apelido "macabeu" (martelo), conferido a Judas, um dos filhos de Matatias.

Judas Macabeu encabeçou uma campanha de guerrilhas de extraordinário sucesso, até que os judeus se viram capazes de derrotar os sírios num campo de batalha. A Revolta dos Macabeus, entretanto, foi também uma guerra civil deflagrada entre os judeus pró-helenistas e anti-helenistas. O conflito prosseguiu após a morte de Antíoco Epifânio em 163 a.C.

### ***A Restauração da Palestina e do Templo***

Os Macabeus recuperaram a liberdade religiosa, consagraram novamente o templo, conquistaram a Palestina e expulsaram as tropas sírias de Jerusalém.

Depois que Judas Macabeu foi morto em batalha (160 a.C.), seus irmãos, Jônatas, e posteriormente Simão, sucederam-no na liderança. Declarando-se herdeiros presuntivos do trono selêucida, um em oposição ao outro, obtiveram concessões favoráveis aos judeus. Jônatas começou a reconstruir as muralhas danificadas, os edifícios de Jerusalém, e assumiu o ofício sumo sacerdotal. Simão conseguiu o reconhecimento da independência judaica da parte de Demétrio II, um dos que competiam pela coroa dos selêucidas, tendo renovado um tratado com Roma que originalmente fora firmado por Judas. Tendo sido proclamado como "o grande sumo sacerdote, comandante e líder dos judeus", Simão passou a reunir oficialmente em sua pessoa a liderança religiosa, militar e política do estado judeu.

### ***O Fim do Período Macabeu***

A história subsequente da dinastia hasmoneana (142-37 a.C.) é um relato de contendas internas na disputa pelo poder. Os propósitos políticos e as intrigas dos hasmoneanos alienaram muitos dos hasidim, de inclinações religiosas, os quais vieram a ser mais tarde os fariseus e os essênios. Os partidários aristocráticos, de pendores políticos, do sacerdócio hasmoneano, vieram a ser os saduceus. As lutas entre os macabeus e os reis selêucidas continuaram por quase vinte anos. Finalmente o general romano Pompeu subjugou a Palestina (63 a.C.), de modo que, durante o período do Novo Testamento, a Palestina estava dominada pelo poderio romano.

### 3- O PERÍODO ROMANO

O século VIII a.C. viu a fundação de Roma, e no século V a.C. houve a organização de uma forma republicana de governo ali sediada. Dois séculos de guerras com a cidade rival de Cartago, na África do Norte, chegaram ao fim com a vitória romana (146 a.C.). As conquistas feitas na extremidade oriental da bacia do Mediterrâneo, sob o comando de Pompeu, como também na Gália, por Júlio César, expandiram o domínio romano. Após o assassinato de Júlio César, Otávio, que mais tarde veio a ser conhecido como Augusto, derrotou as forças de Antonio e Cleópatra, na batalha naval de Ácio, na Grécia, em 31 a.C., tornando-se então o imperador de Roma. Dessa maneira, Roma passou de um período de expansão territorial para outro, de paz, que se tornou conhecido como *Pax Romana*. A província da Judeia interrompeu essa tranquilidade mediante grandes revoltas, que os romanos esmagaram nos anos de 70 e 135 d.C. Contudo, a unidade prevaleceu, e a estabilidade política do mundo civilizado, sob a hegemonia de Roma, facilitou a propagação do Cristianismo.

Os imperadores romanos seguintes, listados com as datas de seus respectivos governos, estão vinculados às narrações do Novo Testamento:

— **Augusto** (27 a.C.-14 d.C.), sob quem ocorreram o nascimento de Jesus, o recenseamento ligado ao Seu nascimento, e os primórdios do culto ao imperador;

— **Tibério** (14-37 d.C.), sob quem Jesus efetuou o Seu ministério público e foi morto;

— **Calígula** (37-41 d.C.), que exigiu que se lhe prestasse culto e ordenou que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém, mas veio a falecer antes que sua ordem fosse cumprida;

— **Cláudio** (41-54 d.C.), que expulsou de Roma os residentes judeus, entre os quais estavam Áquila e Priscila, por motivo de distúrbios civis;

— **Nero** (54-68 d.C.), que perseguiu os cristãos, provavelmente somente nas cercanias de Roma, e sob quem Pedro e Paulo foram martirizados;

— **Vespasiano** (69-79 d.C.), o qual, quando ainda general romano, começou a esmagar uma revolta dos judeus, tornou-se imperador e deixou o restante da tarefa ao encargo de seu filho, Tito, numa campanha que atingiu seu clímax com a destruição de Jerusalém e seu templo, em 70 d.C.;

— **Domiciano** (81-96 d.C.), cuja perseguição contra a Igreja provavelmente serviu de pano de fundo para a escrita do Apocalipse, como encorajamento para os cristãos oprimidos.

#### ***A Dinastia Herodiana na Palestina***

Os romanos permitiam a existência de governantes nativos, vassalos de Roma, na Palestina. Um desses foi Herodes, o Grande, que governou o país sob os romanos de 37 a 4 a.C. Seu pai, Antípater, tendo subido ao poder contando com o favor dos romanos, lançou-o numa carreira militar e política. O senado romano aprovou o ofício real de Herodes, mas ele foi forçado a obter o controle da Palestina mediante o poder das armas. Tendo por antepassados os idumeus (descendentes de Edom, ou Esaú), não era visto com bons olhos pelos judeus.

Herodes era um indivíduo astuto, invejoso e cruel. Assassinou duas de suas próprias esposas e pelo menos três de seus próprios filhos. Foi ele quem ordenou a matança das crianças de Belém da narrativa de Mateus. Certa vez, Augusto disse que era melhor ser um porco de Herodes do que um filho seu (jogo de palavras, porquanto no grego as palavras que significam *porco* e *filho* são muito parecidas).

Herodes era igualmente um governante eficiente e hábil político, tendo conseguido sobreviver às lutas pelo poder nas camadas mais altas do governo romano. Por exemplo, ele trocou de lealdade a Marco Antônio e Cleópatra em prol de Augusto, e conseguiu convencer a este último de sua sinceridade. A administração de Herodes se caracterizava por polícia secreta, toque de recolher e pesados impostos, apesar de também ter distribuído cereal gratuito em períodos de fome e vestes grátis quando de outras calamidades.

Entre seus muitos projetos de edificação, sua maior contribuição para os judeus foi o embelezamento do templo de Jerusalém. Isso não expressava sua participação na fé judaica (ele não acreditava nela), mas foi uma tentativa de conciliar seus súditos. O templo de Jerusalém, decorado com mármore branco, ouro e pedras preciosas, tornou-se proverbial devido ao seu esplendor: "Quem jamais viu o templo de Herodes, nunca viu o que é belo". Herodes morreu de hidropsia e câncer nos intestinos, em 4 a.C. Ele baixara ordens para que fossem executados determinados líderes judeus por ocasião de seu falecimento, a fim de que, embora não houvesse lamentações *por* sua morte, pelo menos as houvesse *quando* de sua morte. Mas tal ordem pereceu juntamente com ele.

Destituídos das habilidades e ambições de seu pai, os filhos de Herodes passaram a governar porções separadas da Palestina. Arquelau tornou-se etnarca da Judeia, Samaria e Idumeia; Herodes Filipe, tetrarca da Itureia, Traconites, Gaulanites, Auranites e Bataneia; e Herodes Antipas tetrarca da Galileia e Pereia.

João Batista repreendeu Antipas por haver-se divorciado de sua esposa para casar-se com Herodias, esposa de seu meio-irmão. Quando Herodias induziu sua filha dançarina a que pedisse a cabeça de João Batista, Antipas acedeu à horrenda solicitação (Mc. 6.17-29; Mt. 14.3-12). Jesus chamou Herodes Antipas de "essa raposa" (Lc. 13.32) e mais tarde teve de enfrentar o juízo deste no tribunal (Lc. 23.7-12).

Herodes Agripa I, neto de Herodes o Grande, executou o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, e também encarcerou Pedro (Atos 12). Herodes Agripa II, bisneto de Herodes o Grande, ouviu Paulo em sua auto-defesa (Atos 25 e 26).

### ***A Remoção dos Herodianos***

Os desmandos de Arquelau na Judeia, em Samaria e na Idumeia provocaram sua remoção do ofício e seu banimento por ordem de Augusto, em 6 d.C. Esses mesmos desmandos tinham sido a causa pela qual José, Maria e Jesus, ao regressarem do Egito, tiveram de estabelecer-se em Nazaré da Galileia, ao invés de fazê-lo em Belém da Judeia (Mt. 2.21-23).

Após a remoção de Arquelau, o território passou a ser dirigido por governadores romanos, exceto por breves períodos. Um desses governadores, Pôncio Pilatos, foi o juiz de Jesus. Os governadores Félix e Festo ouviram a exposição do caso de Paulo (Atos 23-26).

### ***A Destruição de Jerusalém e do Templo em 70 d.C.***

Quando o governador Floro pilhou o tesouro do templo, isso foi o estopim da revolta dos judeus, em 66-73 d.C. Devemos lembrar, entretanto, que a despeito dos Herodes e dos governadores romanos, o sacerdócio judaico e o Sinédrio é que controlavam boa parte das questões locais que afetavam a vida diária.

A adoração no templo de Jerusalém, com seu sistema de sacrifícios, cessou com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Como medida substitutiva, os rabinos judeus estabeleceram uma escola na cidade costeira mediterrânea de Jamnia, onde se fizessem estudos mais intensivos da Torá, ou lei do Antigo Testamento. A incerta situação continuou na Palestina até aos dias do imperador Adriano, o qual mandou erigir um santuário dedicado a Júpiter, deus romano, no local exato em que estivera o templo, além de ter proibido o rito da circuncisão. Os judeus se revoltaram uma vez mais, agora sob a liderança de Bar Cochba, o qual foi saudado por muitos como se fora o Messias (132 d.C.). Mas os romanos abafaram o levante em 135 d.C., reconstruíram Jerusalém como uma cidade romana e baniram os judeus, proibindo-os de entrar na cidade. Dessa forma, pois, deixou de existir o estado judaico, até que foi restabelecido por uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas em 14/05/ 1948.

## **II – O AMBIENTE RELIGIOSO DO NOVO TESTAMENTO**

### **1- O PAGANISMO**

#### ***A Mitologia Grega***

O deus supremo do panteão grego, ou hierarquia de divindades, era Zeus, filho de Cronos. Cronos, que arrebatara o governo do mundo das mãos de seu pai, Urano, canibal que era, devorava os seus próprios filhos conforme iam nascendo. Todavia, a mãe de Zeus salvou seu infante ao entregar a Cronos uma pedra envolta em cobertores infantis, para que a engolisse. Ao atingir a idade adulta, Zeus derrubou seu pai e dividiu seus domínios com seus dois irmãos, Poseidon, que passou a governar os mares e Hades, que se tornou senhor do mundo inferior. O próprio Zeus pôs-se a governar os céus. Os deuses tinham acesso à terra vindos de sua capital, o Monte Olimpo, na Grécia.

De acordo com a mitologia, Zeus era forçado a abafar ocasionais rebeliões da parte dos deuses, os quais exibiam pendores humanos de paixões e concupiscências, de amor e ciúmes, de ira e ódio. De fato, os deuses seriam superiores aos homens somente quanto ao poder, à inteligência e à imortalidade – mas por certo não quanto à moralidade. Um deus extremamente popular era Apolo, filho de Zeus, inspirador de poetas, videntes e profetas, e que também realizava numerosas outras funções. Em Delfos, na Grécia, um templo dedicado a Apolo fora erigido por cima de uma caverna, de onde se emanavam vapores, que o povo julgava ser o hálito de Apolo. Uma sacerdotisa, assentada sobre um tripé, acima da abertura, inalava os vapores e, em estado de transe, murmurava palavras que eram registradas e interpretadas de modo muito vago pelos sacerdotes, em respostas aos adoradores inquiridores.

#### ***A Mitologia Romana***

A religião oficial de Roma adotou grande parte do panteão e da mitologia gregos. As divindades romanas vieram a ser identificadas com os deuses gregos (Júpiter com Zeus, Vênus com Afrodite, e assim por diante). Os romanos também adicionaram certas características, como a de um sacerdócio sobre o qual o próprio imperador atuava como *pontifex maximus* (sumo sacerdote). As características perfeitamente humanas de tais deuses destruíram a fé de muitas pessoas no panteão greco-romano, mas em outras pessoas tal fé persistiu por todo o período do Novo Testamento.

### ***O Culto ao Imperador***

Seguindo a prática desde a muito firmada de atribuir atributos divinos aos governantes, o senado romano lançou a ideia do culto ao imperador, ao deificar, após a morte, Augusto e os subsequentes imperadores que porventura tivessem servido bem como tais. Elementos leais e entusiastas, das províncias orientais, algumas vezes antecipavam essa deificação pós-morte. Os imperadores do primeiro século, que reivindicaram a divindade para si mesmos enquanto ainda viviam - Calígula, Nero e Domiciano - não foram honrados com tal distinção ao morrerem. O insano Calígula (37-41 D.C.) ordenara que uma estátua sua fosse levantada no templo de Jerusalém, a fim de ser adorada. Afortunadamente, tal medida foi adiada pelo mais sensato embaixador sírio, porquanto os judeus sem dúvida ter-se-iam revoltado. Nesse ínterim, Calígula foi assassinado. Domiciano (81-96 D.C.) foi o primeiro a tomar providências sérias e generalizadas para forçar a adoração de sua pessoa. A recusa dos cristãos em participarem do que passou a ser tido como um dever patriótico, como uma medida tendente a unificar o preito de lealdade ao imperador como uma divindade, provocou uma perseguição que foi crescendo de intensidade.

### ***Os Cultos Pagãos – As Religiões Misteriosas***

Muito se tem escrito sobre a larga popularidade e influência das religiões misteriosas dos gregos, egípcios e povos orientais sobre o primeiro século cristão — os cultos de Eleusis, Mitra, Ísis, Dionísio, Cibele e inúmeros cultos locais. Prometendo a purificação e a imortalidade do indivíduo, frequentemente esses cultos giravam em torno de mitos sobre uma deusa cujo amante ou filho fora arrebatado dela, usualmente através da morte, para ser posteriormente restaurado. Esses mistérios também envolviam ritos secretos de iniciação e outras cerimônias, como lavagens cerimoniais, aspersão de sangue, refeições sacramentais, intoxicação alcoólica, frenesi emocional e um impressionante ritual, por meio dos quais os devotos entrariam em união mística com os deuses.

### ***O Novo Testamento Não Copiou Lendas Pagãs***

Apesar de ser indubitável a existência das religiões misteriosas antes do Cristianismo, suas crenças pré-cristãs nos são desconhecidas. Onde as suas crenças posteriores se tornaram um tanto paralelas às crenças cristãs, o mais provável é que as religiões misteriosas é que tenham tomado por empréstimo certas ideias do Cristianismo, e não o contrário, principalmente se levarmos em conta que os pagãos eram notáveis assimiladores (ver abaixo acerca do sincretismo), ao passo que os primitivos cristãos eram exclusivistas. Não obstante, os paralelos geralmente são mais aparentes do que reais, e mesmo quando são reais, isso não implica necessariamente que tenham havido empréstimos de uma coisa para a outra.

Por exemplo, os mitos sobre deuses que morriam e ressuscitavam não correspondiam verdadeiramente às narrativas do Novo Testamento sobre a morte e a ressurreição de Jesus. Em primeiro lugar, as mortes de tais divindades não tinham cunho redentor. Outrossim, a história da morte e ressurreição de Jesus está vinculada a um bem recente personagem histórico, ao passo que os mitos tinham a ver com personificações de processos vegetativos, que nada tinham a ver com o plano da história, e muito menos com a história recente.

Finalmente, os deuses mitológicos não ressuscitavam de modo plenamente corpóreo: ressuscitavam apenas em parte ou reviviam no mundo inferior. Quando as catorze porções constituintes do corpo de Osíris foram reunidas, ele se tornou o rei dos mortos no mundo inferior. Tudo quanto Cibele pôde conseguir acerca do corpo de Atis, é que este não entraria em decomposição, que seus cabelos continuariam a crescer e que seu dedo mínimo se moveria, no entanto, a história de Cibele e Atis (que teria morrido por haver castrado a si mesmo) é às vezes citada como um paralelo e fonte originadora da narrativa sobre a morte e a ressurreição de Jesus, da parte daqueles que, por negligência, não examinam os pormenores de tal mito.

A bem da verdade, as próprias ideias de morte por crucificação e de ressurreição física pareciam abomináveis aos povos antigos, os quais sabiam que a crucificação estava reservada aos criminosos e que concebiam o corpo como uma prisão da alma e como sede do mal. Se houvessem os cristãos tomado os seus conceitos por empréstimo das religiões misteriosas, bem poderíamos indagar por qual motivo os pagãos consideravam o evangelho cristão como algo tolo, incrível e somente digno de perseguição.

### ***Superstições e Sincretismo***

As superstições estavam firmemente entrincheiradas nas mentes da maioria do povo do império romano. O emprego de fórmulas mágicas, consultas de horóscopos e oráculos, augúrios ou predições sobre o futuro, mediante a observação do vôo dos pássaros, ou movimentos do azeite sobre a água, as circunvoluções do fígado e o uso de exorcistas profissionais (peritos na arte de expulsar demônios) - todas essas práticas supersticiosas, além de muitas outras, faziam parte integrante da vida diária.

Os judeus eram enumerados entre os exorcistas mais avidamente procurados, em parte porque julgava-se que somente eles eram capazes de pronunciar corretamente o nome magicamente potente de *Yahweh* (nome hebraico traduzido por “Senhor”). A pronúncia correta, juntamente com a ideia de algo secreto, segundo se pensava, seria necessária para a eficácia de qualquer encantamento.

Na prática do *sincretismo*, o povo comum simplesmente fazia a mescla de diversas crenças religiosas com práticas supersticiosas. As prateleiras para ídolos, existentes nas residências, eram entulhadas de imagens de aves, cães, crocodilos, besouros e outras criaturas.

## **2- O GNOSTICISMO**

O contraste dualista concebido por Platão, entre o mundo invisível das ideias e o mundo visível da matéria, formava a essência do gnosticismo do primeiro século, segundo o qual a matéria era equiparada ao mal, e o espírito seria equivalente ao bem. Daí resultavam dois modos opostos de conduta: 1) a supressão dos desejos do corpo, devido à sua conexão com a matéria má (ascetismo) e (2) a indulgência quanto às paixões físicas, por causa da irrealidade e inconsequência da matéria (libertinagem ou sensualismo).

O vocábulo gnosticismo vem de *gnosis*, termo grego que significa *conhecimento*. Para assegurar a pureza do Deus supremo, este era separado da matéria, que era má, mediante uma série de seres progressivamente menos divinos, chamados “aeons”, que teriam emanado dele. A partir dessa ideia, uma elaborada angelologia se desenvolveu paralelamente à demonologia.

### ***As Correntes Filosóficas***

Os entendidos no assunto estavam se voltando para formas filosóficas mais puras. O epicurismo pensava ser o prazer (não necessariamente de ordem sensual) o sumo bem da vida. O estoicismo ensinava que a aceitação racional da própria sorte, determinada por uma Razão impessoal, que governaria o universo e da qual todos os homens fazem parte, é dever do homem. Os cínicos, antigas contrapartes dos “hippies” dos anos 1960, reputavam a virtude suprema como se fora uma vida simples e sem convenções, rejeitando a busca pelo conforto, pelas riquezas e pelo prestígio social. Os céticos, tendo abandonado em seu relativismo toda esperança de qualquer coisa em termos absolutos, sucumbiam ante a dúvida e a conformidade para com os costumes predominantes.

Essas e outras filosofias, entretanto, não determinavam a vida de um grande número de pessoas. De modo geral, as superstições e o sincretismo caracterizavam as massas, pelo que também o Cristianismo teve de penetrar numa sociedade religiosa e filosoficamente confusa. Os homens se sentiam impotentes diante da sorte ditada pelas estrelas, as quais eram consideradas seres angélico-demoníacos. Prevalencia uma atitude de desespero, ou, pelo menos, de pessimismo.

## **2- O JUDAÍSMO**

Mais importante que o meio ambiente pagão religioso e filosófico era o Judaísmo, do qual se originou o Cristianismo. O Judaísmo existente no primeiro século teve seu começo perto do final do período do Antigo Testamento, durante o exílio assírio-babilônico. Os profetas profetizaram o desterro como uma punição pela idolatria praticada pela nação israelita, e o cumprimento dessa predição curou permanentemente os judeus de sua idolatria.

### ***As Sinagogas***

A perda temporária do templo, durante o exílio, motivou um crescente estudo e observância da lei (a Torá) do Antigo Testamento e o estabelecimento das sinagogas como uma instituição.

A hipótese mais aceita para o surgimento das sinagogas é que, em face de Nabucodonosor ter destruído o primeiro templo (de Salomão), e deportado da Palestina a maioria de seus habitantes, os judeus estabeleceram centros locais de adoração intitulados *sinagogas* (assembleias), onde houvessem dez judeus adultos do sexo masculino. As sinagogas prosseguiram existindo até a reconstrução do templo, sob a liderança de Zorobabel (Esdras 3-6; Ageu; Zacarias 1-8) e permanecem ainda hoje.

### ***Literatura Judaica – O Antigo Testamento***

O Antigo Testamento existia sob três formas linguísticas, para proveito dos judeus do primeiro século: o hebraico original, a Septuaginta (uma tradução para o grego) e os Targuns (traduções orais para o aramaico, que estavam começando a ser postas em forma escrita). Os Targuns também continham material tradicional que não figura no texto bíblico.



## Valor Histórico dos Livros Apócrifos

Os livros apócrifos (sem inspiração de Deus) são importantes fontes documentais para o conhecimento da história, cultura e religião dos judeus. Também são muito úteis para nossa compreensão dos acontecimentos intertestamentários (período entre o Antigo e o Novo Testamento), porém ao compararmos esses livros com os do cânon sagrado, logo percebemos a profunda e radical diferença no estilo, na autoridade e nos ensinamentos. Somente em 1546, em meio a muita polêmica, a Igreja Católica Romana deu reconhecimento canônico aos apócrifos no Concílio de Trento, durante a Contra-Reforma.

Os apócrifos do AT foram escritos em hebraico, aramaico e grego. Datados dos períodos inter e neotestamentário, contêm história, ficção e literatura de sabedoria. Os judeus, e posteriormente os primitivos cristãos, de modo geral reputavam esses livros como Escritura Sagrada, razão pela qual o termo *apócrifo*, que originalmente significava "oculto, secreto", e, por conseguinte "profundo", terminou por significar "não-canônico". Os livros apócrifos incluem os seguintes:

I Esdras; II Esdras (ou IV Esdras, de conteúdo apocalíptico); Tobias; Judite; Adições ao livro de Ester; Sabedoria de Salomão Eclesiástico, ou Sabedoria de Jesus, filho de Siraque; Baruque;	Epístola de Jeremias; Oração de Azarias; Cântico dos Três Jovens; Susana; Bel e o Dragão; Oração de Manassés; I Macabeus; II Macabeus
--	--

Outros livros judaicos, que datam da mesma época, são intitulados *pseudepígrafos* (falsamente escritos), porquanto alguns deles foram escritos sob a alegação de que seus autores foram figuras do Antigo Testamento há muito falecidas. Alguns desses escritos *pseudepígrafos* também cabem dentro da categoria de *literatura apocalíptica*, descrições feitas em linguagem altamente simbólica e visionária, que falam sobre o fim da era presente, ante o estabelecimento do reino de Deus na face da terra. O propósito dos autores dos apocalipses era encorajar o povo judeu a suportar as perseguições, até que se inaugurasse o reino messiânico em futuro próximo.

A literatura pseudepígrafa também contém livros anônimos, cujo conteúdo é história lendária, salmos e observações de sabedoria. Abaixo segue a lista dos livros pseudepígrafos:

I Enoque II Enoque II Baruque, ou Apocalipse de Baruque III Baruque Oráculos Sibilinos Testamentos do Doze Patriarcas Testamento de Jó Vidas dos Profetas Assunção de Moisés	Martírio de Isaías Paralipômenos de Jeremias Jubileus Vida de Adão e Eva Salmos de Salomão Epístola de Aristeias III Macabeus IV Macabeus
--	--

Acrescente-se a isso que os rolos de Qumran, descobertos em cavernas próximas do Mar Morto, incluem literatura similar aos tradicionais livros pseudoepígrafos. São eles:

Documentos de Damasco (ou Zadoquita, cujos fragmentos já eram conhecidos antes)
Regra da Comunidade (ou Manual de Disciplina)
Guerra Entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas
Descrição da Nova Jerusalém
Hinos de Ação de Graças (Hodayoth)
Salmos de Josué
Literatura pseudo-jeremiaca
Literatura daniélica apócrifa
Vários comentários (peshers) sobre os Salmos, Isaías, Oséias, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias
Vários livros sobre leis, liturgias, orações, bem-aventuranças, mistérios, visões, cálculos astronômicos e registros de calendário

### **O Talmude**

As decisões rabínicas, sobre casos que envolviam questões de interpretação acerca da lei do Antigo Testamento, formavam uma tradição oral memorizada no tempo do Novo Testamento. Essa tradição foi crescendo durante os séculos que se sucederam, até que foi preservada em forma escrita no Talmude judaico. Uma edição palestina foi produzida no século IV d.C., e uma edição babilônica, três vezes maior, com dimensões enciclopédicas, durante o século V d.C. Cronologicamente, o Talmude consiste da *Mishnah*, ou lei oral, desenvolvida por rabinos através do segundo século cristão, além da *Gemarah*, a qual contém comentários sobre a Mishnah, feitos por rabinos que viveram nos séculos III a V d.C. Quanto aos seus tópicos, o Talmude consiste da *halakah* (porções estritamente legais) e da *haggadah* (porções não legais: narrativas, lendas, contos explicativos). Asseverando que as leis orais remontavam ao tempo de Moisés, no Monte Sinai, os rabinos elevaram suas contraditórias interpretações do Antigo Testamento a uma posição de maior importância que o próprio Antigo Testamento. Duas famosas escolas rabínicas de interpretação eram a escola moderada de Hilel e a escola rigorosa de Shammai.

### **Seitas e Outros Grupos do Judaísmo**

#### **Os Fariseus**

Os fariseus (separados) tiveram origem pouco depois da revolta dos Macabeus, como um desenvolvimento dos *hasidim*, contrários à helenização da cultura judaica. Eles formavam a viga mestra do Judaísmo. Na sua maior parte eram pessoas da classe média leiga, e compunham a mais numerosa das seitas religiosas dos judeus. Observavam escrupulosamente tanto as leis rabínicas quanto as mosaicas, porém criavam evasivas que lhes fossem convenientes para burlar o cumprimento estrito da lei. Jesus entrou em choque com os fariseus repetidas vezes, por causa do artificialismo de seu legalismo. O judeu comum, entretanto, admirava os fariseus, como perfeitos modelos de virtude.

### ***Os Saduceus***

Os aristocráticos saduceus eram os herdeiros dos *hasmoneanos* do período intertestamentário. Embora em menor número que os fariseus, detinham maior influência política, porquanto controlavam o sacerdócio. Seus contatos com os dominadores estrangeiros tendiam a reduzir sua devoção religiosa, empurrando-os mais na direção da helenização. Diferentemente dos fariseus, eles davam importância somente aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento (o Pentateuco, Lei Mosaica ou Torá), como únicos plenamente autoritativos, e desprezavam as leis orais dos rabinos não sacerdotais. Não acreditavam na preordenação divina, em anjos, em espíritos e nem na imortalidade da alma e na ressurreição do corpo, conforme criam os fariseus.

Confortavelmente situados na vida como estavam, os saduceus queriam manter o *status quo*, e resistiam a qualquer temporização com a lei, a fim de que não viessem a perder suas posições de abundância e riqueza. Com a destruição do Templo e do centro do poder sacerdotal em 70 d.C., juntamente com grande número dos saduceus propriamente ditos, o partido dos saduceus se desintegrou. Os fariseus, porém, sobreviveram, tendo-se tornado o alicerce do Judaísmo ortodoxo de séculos posteriores.

### ***Os Essênios***

Os essênios formavam uma seita menor, com cerca de quatro mil adeptos. Tal como os fariseus, tiveram origem entre os *hasidim*. Alguns essênios viviam em comunidades monásticas, como aquela de Qumran, onde foram descobertos os Papiros do Mar Morto. A admissão no grupo requeria um período de prova de dois a três anos, com abandono das propriedades privadas e das riquezas, doadas a um tesouro comum. Alguns mais radicais se abstinham do casamento. É duvidoso que tenham contribuído de modo significativo para o fortalecimento do Cristianismo, conforme sugerido por alguns autores. Seitas ligadas ao Movimento da Nova Era ensinam que Jesus fez parte de uma comunidade de essênios, o que também é improvável, porque: 1) Jesus condenou o legalismo hipócrita, e os essênios ultrapassavam os fariseus nessa questão; 2) Jesus misturava-se com os pecadores e participava de festas e banquetes, em contraste com a atitude dos essênios, que se apartavam da sociedade.

Os essênios não ofereciam sacrifícios de animais no templo de Jerusalém, porquanto reputavam o templo poluído por um sacerdócio corrupto. Como símbolo de sua pureza pessoal, usavam vestes brancas. Essa seita se considerava o remanescente vivo dos eleitos dos últimos dias. Esperavam o aparecimento de diversas personagens escatológicas — um grande profeta, um messias político-militar e um messias sacerdotal — e se preparavam para uma guerra de quarenta anos, que culminaria no reinado messiânico. Um antigo mestre, chamado "Mestre da Justiça", exercia profunda influência sobre suas crenças e práticas, mas nem de longe ocupava a posição da proeminência divina e remidora atribuída a Jesus dentro da doutrina cristã.

### ***Os Herodianos***

Os herodianos não eram uma seita religiosa, mas uma pequena minoria de judeus influentes, pertencentes sobretudo à aristocracia de sacerdotes saduceus, que apoiavam a dinastia dos Herodes, e implicitamente o governo romano, que os pusera em posição de mando.

## **Os Zelotes**

Em contraste com os herodianos, os zelotes eram revolucionários dedicados à derrubada do domínio romano. Recusavam-se a pagar taxas à Roma, consideravam a lealdade a César um pecado, e foram iniciadores de diversas revoltas, incluindo a rebelião judaica que resultou na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Os eruditos identificam os zelotes com os "sicários" (assassinos) que costumavam levar consigo adagas escondidas. Os sicários talvez fossem um ramo extremista dos zelotes, ou então um grupo separado que eventualmente veio a fundir-se com o movimento dos zelotes. Um dos doze discípulos principais de Jesus fora um zelote ("*Simão, chamado Zelote*" - Lc. 6.15; At. 1.13).

## **Os Escribas**

Os escribas não eram nem uma seita religiosa, nem um partido político, mas sim um grupo de profissionais. "Doutor", "escriba" e "mestre (da lei)" são expressões sinônimas, no Novo Testamento. A esses deveríamos acrescentar "rabino", que literalmente quer dizer "meu grande" ou "meu mestre", "professor". Segundo certa tradição, os escribas tiveram origem com Esdras. Eram aqueles que interpretavam e ensinavam a lei do Antigo Testamento, e baixavam decisões judiciais sobre os casos que lhes eram apresentados. A aplicação dos preceitos da lei à vida diária tornava necessária a função interpretativa dos escribas. Por exemplo, o que constituía trabalho em dia de sábado? Os discípulos (aprendizes) dos escribas seguiam atrás deles por onde quer que fossem, e aprendiam de memória as minúcias das tradições do Antigo Testamento e rabínicas. Os escribas ensinavam no recinto do templo e nas sinagogas, e ocasionalmente debatiam na presença de seus discípulos.

No tempo de Jesus, a maior parte dos escribas pertencia à seita dos fariseus, embora nem todos os fariseus possuíssem o treinamento teológico que se requeria de um escriba. Visto que a atividade própria dos escribas era gratuita, eles ganhavam seu sustento financeiro mediante algum negócio. Por exemplo, Paulo, que recebera treinamento rabínico, era fabricante de tendas (At. 18.3). Embora não houvesse recebido educação teológica formal, Jesus foi chamado "Rabi" e cercou-se de discípulos. Com frequência Ele ensinava em estruturas rítmicas, fáceis de memorizar, declarações concisas e vívidas parábolas. Sempre ensinava com grande autoridade ("*Em verdade vos digo...*"). Em contraste, os escribas citavam interminavelmente opiniões de rabinos já falecidos.

## **O Sinédrio**

A tradição rabínica registrada na *Mishnah* diz que a origem do Sinédrio está no mandamento de Deus, dado a Moisés, para que reunisse setenta homens escolhidos, dentre os anciãos de Israel (Nm. 11.16-17).

Os romanos permitiam aos judeus decidirem sobre muitas de suas próprias questões religiosas e domésticas. Como resultado, existiam numerosos tribunais locais. O grande Sinédrio se reunia diariamente, exceto aos sábados e outros dias santificados, na área do templo. O Sinédrio chegava a comandar uma força policial. O sumo sacerdote presidia a setenta outros juízes, membros do tribunal, provenientes dos partidos farisaico e saduceu. O Novo

Testamento alude ao Sinédrio mediante os termos "concílio", "principais sacerdotes, anciãos e escribas", "principais sacerdotes e autoridades", ou simplesmente "autoridades".

Certamente o Sinédrio exercia completo controle sobre as questões religiosas da nação judaica. Esse tribunal autoridade suprema na interpretação da lei mosaica, e quando se manifestava sobre questões disputadas nos tribunais inferiores sua palavra era final. Além disso, o Sinédrio também governava as questões civis e julgava certos casos de crimes, debaixo da autoridade do procurador romano.

### ***A Diáspora***

Fora da Palestina, os judeus da diáspora (dispersão) se dividiam em duas categorias: (1) os hebraístas, que retinham não só sua fé judaica, mas também o idioma judaico e os costumes palestinos, razão pela qual incorriam no ódio dos gentios, por se manterem distantes; e (2) os helenistas, que haviam adotado o idioma, o estilo de vestes e os costumes gregos, ao mesmo tempo que se apegavam à fé judaica em vários níveis de intensidade.

Um notável exemplo do Judaísmo helenista foi Filo, um filósofo judeu do primeiro século residente em Alexandria. Ele combinava o Judaísmo e a filosofia grega mediante alegorias baseadas no Antigo Testamento. Não há que duvidar que o Judaísmo de fora da Palestina tendia por ser menos estrito e mais influenciado pelas maneiras gentílicas de pensar do que o Judaísmo da Palestina. As influências helenistas haviam permeado a Palestina, por isso ali o Judaísmo era muito mais variado do que se vê no Talmude, o qual representa um estágio posterior e mais monolítico do Judaísmo. Após os fracassos das revoltas contra Roma, em 70 e 135 d.C., o Judaísmo da Palestina foi-se consolidando crescentemente na direção da uniformidade, seguindo as linhas de um farisaísmo que buscava eliminar elementos apocalípticos. Os saduceus haviam perdido a sua base de influência, que era o templo, e os romanos haviam destruído as esperanças das seitas menores de tendências apocalípticas, como eram, por exemplo, os essênios.

## **III – O TEXTO E O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO**

### **1- O TEXTO DO NOVO TESTAMENTO**

O papiro foi o material de escrita da maioria (ou talvez de todos) os livros do Novo Testamento. Os autores e seus amanuenses se utilizaram do antigo formato do rolo, embora alguns possam ter sido escritos em forma de códex, com páginas separadas e vinculadas como nos livros modernos. Era prática comum um autor ditar a um *amanuense*. E às vezes o autor dava a seu amanuense certo grau de liberdade na escolha das palavras.

As fontes primárias, que nos permitem determinar qual o texto original do Novo Testamento, são: 1) os manuscritos gregos; 2) as antigas versões em siríaco e latim; 3) as citações e ensinos dos primeiros pais da Igreja. Os documentos originais, nenhum dos quais existe hoje, têm recebido o nome de autógrafos. Quando alguém desejava uma cópia, um leitor ditava um exemplar para uma sala repleta de copistas.

## 2- O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

O Cânon do Novo Testamento é composto pelos livros aceitos pela Igreja Primitiva como Escrituras divinamente inspiradas. A palavra *cânon* significa "vara de medir", mas adquiriu o sentido metafórico de *padrão*. No que tange ao Novo Testamento, refere-se àqueles livros aceitos pela Igreja como padrão autoritativo da fé e prática dos cristãos.

No princípio os cristãos não contavam com os livros que figuram hoje no Novo Testamento. Eles dependiam do Antigo Testamento, de uma tradição oral reconhecida como ensinamentos da obra remidora de Jesus e de revelações diretas da parte de Deus, por meio dos profetas cristãos. Mesmo depois de escritos, os livros do Novo Testamento não haviam sido geograficamente distribuídos para todas as igrejas, e circulavam outros livros de escritores cristãos, alguns bons e outros de inferior qualidade.

Citações extraídas dos livros do Novo Testamento de maneira autoritativa, pelos primeiros pais da Igreja, ajudam-nos a reconhecer quais livros eles reputavam canônicos. Mais tarde, no Concílio de Hipona, em 393 d.C., finalmente a Igreja compilou a lista formal e fechou o cânon dos 27 livros do Novo Testamento.

Muitos outros livros e cartas circulavam nas igrejas, mas foram considerados apócrifos. O fator básico para determinar a canonicidade do Novo Testamento foi a inspiração divina, e o principal teste dessa inspiração foi a apostolicidade. Na terminologia do NT, a Igreja foi edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas" (Ef. 2.20), aos quais Cristo prometera que seriam "guiados pelo Espírito Santo à toda verdade" (Jo. 16.13), e Atos 2.42 diz que a igreja em Jerusalém "perseverou na doutrina dos apóstolos e na comunhão".

Dessa forma, era fundamental a autoria da parte de um apóstolo ou de alguém diretamente ligado a algum dos apóstolos, e, conseqüentemente, ter sido escrito durante o período apostólico. Marcos foi companheiro tanto de Pedro quanto de Paulo. Lucas foi companheiro de Paulo. Quem quer tenha sido o autor da Carta aos Hebreus, exibe contatos teológicos bem próximos de Paulo. Tiago e Judas eram meio irmãos de Jesus e associados aos apóstolos na igreja primitiva de Jerusalém. Tradicionalmente, todos os demais autores eram apóstolos (João, Mateus, Pedro e Paulo).

### **Os Apócrifos do Novo Testamento**

Os apócrifos do Novo Testamento mais conhecidos e citados estão no quadro abaixo. Alguns deles (por exemplo o Evangelho de Tomé) são citados por adeptos de seitas para defender suas heresias.

Epístola de Pseudo Barnabé	Atos de Paulo e Tecla
III Coríntios	Carta aos Laodicenses
I Clemente	Evangelho Segundo os Hebreus
Antiga Homilia (ou II Epístola de Clemente)	Evangelho de Pedro
Pastor de Hermas	Evangelho de Filipe
Didaquê (ou Ensino dos Doze Apóstolos)	Evangelho de Tomé
Apocalipse de Pedro	

## **CONCLUSÃO**

O Novo Testamento é o registro e a interpretação autoritativos da revelação que Deus fez de Si por meio de Jesus Cristo - um registro interpretativo autenticado por nosso Senhor em pessoa, cuja perspectiva acerca de Suas próprias palavras e ações, agora escritas e explanadas pelos apóstolos e seus associados, na mesma perspectiva acerca do Antigo Testamento como a Palavra de Deus.

Conforme a natureza sacrossanta do Novo Testamento foi sendo cada vez mais sentida, e a Igreja foi se desenvolvendo, material de escrita de melhor qualidade e maior durabilidade passou a ser usado, como o velum (pele de vitela) e o pergaminho (pele de carneiro). Os mais antigos manuscritos que estão mãos dos eruditos hoje pertencem ao século II d.C.

O material que nos permite determinar o texto original do Novo Testamento é muito mais abundante e antigo do que aquele que se presta para o estudo de qualquer dos antigos escritos clássicos. Graças ao trabalho dos críticos textuais, as incertezas que ainda restam sobre o texto do Novo Testamento grego não são suficientemente sérias para afetar nossa compreensão sobre o que ele ensina.

### Bibliografia:

A Bíblia Anotada (ARA), Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.

Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

Panorama do Novo Testamento, Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.